

DESAFIANDO A IDADE, ROMPENDO PRECONCEITOS: VAMOS FAZER UMA BANDA?*Eliane Jost Blessmann**Patrícia Kayser Vargas Mangan**Tamára Cecília Karawejczyk Telles***Universidade La Salle****Introdução**

A velhice e o envelhecimento estão tendo uma visibilidade cada vez maior face aos fenômenos do envelhecimento populacional e da longevidade em todo o mundo. As pessoas que hoje envelhecem estão tendo novas experiências, atrevendo-se mais e com isto rompendo preconceitos. Um dos preconceitos é o de que idosos não aprendem mais. Mesmo com tantas experiências provando o contrário, como a de idosos que voltam a estudar formando-se em cursos universitários e pessoas mais velhas que começam a praticar esportes, o preconceito ainda existe. Com os programas e cursos para a “terceira idade” e a formação de grupos de idosos, vem sendo construída uma imagem de dinamismo social com visibilidade assegurada pela mídia. A tendência de agregação por grupos de idade que, na sociedade contemporânea, era comum entre os jovens na constituição de “tribos” (MAFFESOLI, 1998) hoje se dá entre os mais velhos. As universidades de terceira idade ampliam os espaços de sociabilidade que podem ser vistos como expressões territoriais da identidade coletiva que neles se formam.

O grupo de percussão, em estudo, surgiu em um projeto de extensão da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - o CELARI - que oferece atividades físicas, culturais e sociais para pessoas a partir dos 60 anos. Rompendo com os preconceitos e desafiando a idade a ideia de criar um grupo de percussão é motivo de orgulho para seus integrantes que dizem: “só com pessoas idosas eu nunca tinha visto” (Iara); “eu acho até que é o primeiro que tem aqui, que eu conheço pelo menos, no Rio Grande do Sul, de percussão eu acho que é o primeiro grupo (Sol)”; “eu também nunca ouvi falar, quando a minha filha fala para os amigos assim, eles ficam admirados, admirados pela idade, porque eles sabem que tenho mais idade (Vivi)”. Entretanto, mesmo sendo motivo de orgulho, observamos que seu histórico está disperso nas lembranças de seus componentes, com algumas divergências. Este artigo tem por objetivo a reconstrução da memória do grupo através de depoimentos gravados e transcritos e consulta a registros fotográficos, embasando sua necessidade em Ricoeur (2007) que diz não termos outro recurso para acessar o passado senão a memória e em Halbwachs (2003) ao afirmar que a memória é um conhecimento atual do passado.

Vamos fazer uma banda? Mas eu não toco nada ...

Conversando com alguns componentes da banda observei que não havia concordância quanto ao seu tempo de existência na evocação de suas lembranças.

A Iara falou de como chegou ao grupo: “A minha chegada e da Olinda foi muito interessante porque, porque sempre que saía de alguma atividade ouvia a banda tocando e um dia nós chegamos na porta e ficamos olhando. Uma pessoa disse entra aí e a gente entrou. E aí a Regina disse: ah, se vocês quiserem fazer parte do grupo, né. E aí a Olinda estava dizendo que não, e eu disse não, nada disso, vamos encarar. E dali para cá a gente está, desde o começo, acho que uns sete anos. É acho que era 2007 ou 2008, é sete anos”. Aqui convém esclarecer que a banda ensaiava no mesmo prédio onde se desenvolviam as oficinas de atividades físicas do projeto. Iara e Olinda, como todos os integrantes da banda são participantes do CELARI, estão sempre juntas porque são vizinhas.

“Se eu não me engano a gente começou em junho de 2011, com o professor Ricardo” falou a Sol que já estava na banda quando a Iara e a Olinda chegaram. Mas a Iara insistiu dizendo “não, bem antes”. A Sol tentou esclarecer que “nós estamos em 2018, não tem mais que 8 anos”. O problema não estava em quantos anos a banda teria, porque aí estava próximo, mas sim no ano que iniciara que divergia entre 2007, 2008 e 2011.

A Vivi entrou na conversa dizendo “quando o Fabiano (filho) morreu eu estava fazendo duas sessões com o psiquiatra e vocês estavam ensaiando em uma quinta-feira e eu não podia assistir. Dava uma voltinha ali, mas não ficava. Comecei com o grupo pequeno que começou. Agora só perguntando para a Eliane o dia que começou. Eu lembro perfeitamente, foi bem na época que o Fabiano morreu. Ele morreu em 2007. Eu tenho a impressão que foi em 2008”. A Eliane sou eu.

Deste pequeno episódio podemos destacar dois aspectos importantes na teoria da memória. O primeiro é a evocação da lembrança que, segundo Viana, se dá pelos sentimentos, pela pressão social e na associação de ideias e o segundo é o trabalho de reconstrução que Bosi (1993) chamou de memória-trabalho, pois a memória é sim um trabalho sobre o tempo vivido, onde o conjunto das lembranças é uma construção social do grupo.

Há divergências em datas, mas ainda há alguma concordância entre as lembranças o que para Halbwachs (2003) é condição necessária para a construção da memória coletiva que deve ter uma base comum, isto é, não basta testemunhos, é preciso identificar pontos em comum.

Mas qual é a história afinal? Começou em 2007, 2008 ou 2011? Começou com um grupo pequeno ou com um grupo grande? É através dos testemunhos de seus integrantes que vamos esclarecer e reconstruir a memória com a intenção de contribuir para a coesão do grupo e garantir sua identidade, pois esta é, segundo Halbwachs (2003) a principal função da memória coletiva.

Quando entrevistei a Edna ela trouxe um caderno e uma foto dizendo que ali estava a ata da reunião deu início a ideia de fazer uma banda. Olhando o caderno vi a data e exclamei: 2004! “É isto aí”, disse a Edna, é para ver como a gente andou, né. É, botei algumas coisas ali no meio, que foram acontecendo na hora, que era a Regina, a Carmen, a Jane, ai meu Deus, quem mais? (...) Eram seis ou sete, eu lembro. Eu lembro que era a Gilka, ela tocava teclado, a Regina, a Sol e ai é difícil lembrar”. Olhei a foto que fora tirada nessa reunião e falei: “As pessoas são estas: Solange, Jane, Rosa, Gilka, Carmen e Regina, só está faltando tu, na mesa tem seis lugares”. A Edna ainda estava insegura quanto as participantes da reunião, então disse: “pode ser que tivesse mais alguém, se tivesse as outras fotos a gente teria como ver. Vou procurar e vou perguntar se alguém tem uma foto destas aí. E daí nós criamos o primeiro grupo”.

Afora esta referência encontramos algumas fotos dos galetoes que são feitos no Projeto CELARI, em um salão, onde a Regina levava seus instrumentos musicais e tocavam informalmente com os acadêmicos, que são seus professores de ginástica; é o que se pode chamar de roda de samba. São fotos de 2004. Junto a ela estavam sempre a Rosa, a Solange e a Dulce.

A Regina foi a mentora da banda, fato que virá a se confirmar pelos demais depoimentos concedidos em entrevista dos quais extraímos alguns trechos.

“Começou com a Regina que tu já sabes, né. Começamos a tocar com o coral, com três, quatro instrumentos só. Era eu e a Regina no começo. Ela começou, pega esse agezinho e toca, toca e ela começou com o tambor, com o tantan que é aquele tamborzinho menor. E começou, na real, eu e ela começamos. Aí depois, quem é que entrou depois de nós duas ... De tanto ela insistir eu comecei a tocar o agezinho com ela desde o coral. Aí depois eu não sei se foi a Jane que entrou. Porque aí a Regina começou a tocar o bongô e a Jane pegou o tantan, se não me engano foi a Jane que pegou o tantan, que é aquele tamborzinho pequeno. Então, nós éramos três pessoas junto com a Carmen. Foi ali que começou. E aí ela começou, nós temos que formar uma banda, nós temos que formar uma banda. Eu disse, mas Regina, não sei se alguém aqui dentro do grupo sabe tocar algum instrumento. Não, porque tu vai comigo



lá pro Fernando do Ó. (...) Aí ele me deu umas dicas assim, mas eu fui em duas aulas só. Aí a Regina continuou a insistir, ah mas eu vou conseguir um professor”.

O Projeto CELARI já tinha um coral que foi formado pela Carmen, participante do CELARI, aluna nas oficinas de atividades físicas, aposentada, mas que trabalhou como professora em escola dando aulas de educação física e música. Ela propôs à coordenação do projeto formar um coral com as idosas e ele existe até hoje, 20 anos depois.

Recorrendo a fotografias antigas e demais registros verificamos que de 2004 até o ano de 2008 o pequeno grupo referido pela Rosa juntou-se ao coral da Carmen que passou a denominar-se “Grupo musical CELARI”. Eram quatro: a Regina, a Rosa, a Solange e a Dulce.

Lembra a Carmen que “a Regina, a Solange e a Jane, tudo estava no meu coral, entendeu, mas aí a Regina por sua vez tinha um professor lá que ela tocava, ela começou a aprender a tocar pandeiro e ela se entusiasmou, (...) o tempo vai passando e mais uma surpresa, a banda da Regina Só juntou seu grupo a fim de engrandecer cada vez mais o grupo musical, no decorrer desses anos já fizemos muitas apresentações em eventos, gravação em CD e vários programas de televisão”.

Na verdade, somente a Rosa e a Carmen lembraram deste tempo em que o quarteto estava junto ao coral se apresentando em ocasiões sociais.

Conta a Regina que quando parou de trabalhar estava muito estressada e resolveu aprender música. “Então o que aconteceu, conhecia o Fernando do Ó, conheci porque eu fui a uma loja comprar um instrumento musical, o bongô, que eu gostava muito de bongô, e perguntei se poderiam indicar um professor. Olha o Fernando do Ó não é professor, mas ele pode te indicar alguém. Então eu liguei para ele e disse: ah Fernando, quem sabe tu começa a dar aula isso seria tão bom para gente, não sei o quê ... e eu fui a primeira aluna dele. Eu comecei com o bongô, depois as gurias (filhas) me deram um pandeiro de presente no dia das Mães até o pessoal todo começou a rir, aí eu comprei o surdo, aí comprei a caixa, a caixetinha, aí eu comecei a entusiasmar a turma (colegas do CELARI) porque como eu tinha todos os instrumentos ninguém ia gastar com instrumento, aí arrumei um professor que era o Ricardo, porque o Ricardo nem era professor, ele tocava em uma banda e tinha noção de música”.

A Solange que era uma das integrantes do pequeno grupo que eu denominei acima de quarteto, que também não fez referência a esse período. Conta que “a Regina que nos convidou porque ela tinha muita vontade de fazer um grupo de percussão. Ela tinha muitos instrumentos em casa e foi convidando a gente para fazer. Ah, mas eu não sei tocar nada, faz muito tempo, tocava *acordeon* quando era criança, muito jovem. Outros instrumentos eu nunca peguei. Ah mas a gente vai treinando, disse ela, a gente pode fazer, eu te levo lá no meu professor no Fernando do Ó que ele ensina e tal algumas coisas. Tá aí eu topei, ela foi convidando outras e a gente foi adquirindo os instrumentos e aí que a gente foi montando, foi fazendo, foi fazendo, aí ela procurou um professor. Aí está até hoje funcionando assim. (...). Olha pelo que eu tenho em casa de fotos, eu costumo botar a data atrás, este dia ainda eu estava olhando, que nós começamos com o professor Ricardo que hoje não está conosco. Acho eu que foi em 2014, mas as gurias acham que foi em 2011. Então eu não tenho muita certeza da data”.

Embora a Sol não tivesse lembrança da data ela apresenta um elemento novo no que diz respeito a lembranças, para ela o grupo começou quando passaram a ter um professor e de certa forma, para a Regina também. Em se tratando de memória coletiva, para Jedlowski o que a constitui não é tanto o caráter comum dos seus conteúdos, “mas o fato de que estes sejam o produto de uma interação social, de uma comunicação que tenha a capacidade de escolher o que é importante e significativo no passado, em relação aos interesses e à identidade dos membros de um grupo” (2003. p. 221). Então aquele embrião que tocava todas as semanas com o auxílio da Carmen, ainda não era o grupo de percussão para elas.

Em algumas fotos encontramos o registro das apresentações do Grupo Musical do Projeto CELARI, como



se denominavam, em que a banda da Regina, como foi referido pela Carmen, se apresentava com o coral. O coral regido pela Carmen vestia camisetas com a identificação do projeto na cor azul e o quarteto da banda na cor branca. Eram elas: Regina, Rosa, Solange e Dulce. Apresentaram-se para os idosos da SPAAN em visita ao local em 2007, na comemoração festiva do aniversário de dez anos do CELARI em 2008 e ainda no primeiro evento “Arte em Cena” promovido pelo projeto congregando vários alunos de terceira idade das Universidades Gaúchas em 2008.

“A gente foi tentando, tentando, até encontrar um professor. A Regina gostava muito de bolero e a gente ia mais ou menos tentando, sabe. E aí, alguém, não sei quem, descobriu o Ricardo. E aí o Ricardo passou a dar aula para nós. Desde esta data a gente não parou, a gente vem engatinhando, aquele engatinhar muito lento ... ninguém tocava nada, nem uma de nós. A única era a Carmen que era professora de música e tudo. E a Carmen também dava as dicas para nós, a Carmen nos auxiliava muito. E assim foi, fomos lutando, lutando, e a gente vai indo desde esta data, a gente nunca parou” (Edna).

Conta a Regina que “eu contratei o Ricardo para me ensinar a tocar órgão porque eu tinha um órgão lá em casa, além dos instrumentos todos que eu comprei eu tinha um órgão, aí ele foi lá para me ensinar o órgão. Aí eu comecei, mas Ricardo tu não te animas a ensinar pessoas assim de 60 para cima e ele ta, tô aí. Então foi aí que eu comecei a convencer todo mundo a tocar”.

Na lembrança da Rosa aconteceu assim: “Aí a Regina entrou em contato com o Ricardo. Aí ela começou a comprar os instrumentos e convidar as pessoas para entrar no grupo. Aí, todo mundo entrando sem saber nada, né. Tá e aí começamos com o Ricardo. Eu acho que nós começamos em 2009 a nossa percussão, se não me engano. Aí ela começou a convidar fulana, sicrana e aí convidou a Vilma Machado para cantar. A Mauren, que naquela época estava aqui no CELARI. O Jurandir, a Dulce. Tá era eu, ela, a Jane, a Dulce, o Jurandir, a Mauren e a Vilma Machado que eu acho que foram as primeiras. A Vilma entrou para cantar, entrou como vocalista, pra cantar. Em uma das primeiras apresentações nossas ela cantou, foi no Teatro São Pedro, se não me engano, ou na UFRGS, estou meio confusa da primeira apresentação fora nossa. Eu, pra mim foi no teatro São Pedro”

Nas fotografias de um galetto realizado em agosto de 2009 o Ricardo, que veio a ser o professor, aparece pela primeira vez junto ao Grupo Musical. Em outras fotos confirmamos a informação da Rosa, vimos que por ocasião da segunda edição do evento promovido pelo CELARI no ano de 2009, o “Arte em Cena” a composição da banda sob a regência do Ricardo já era de 12 elementos: Regina, Rosa, Solange, Dulce, Jane, Mauro, Péia, Edna, Violeta, Jurandir, Vilma e Mauren.

A banda começou a crescer e assumir uma identidade. Em 2013 passaram a usar uma camiseta preta com o nome da banda “Só ritmos”. E de lá para cá firmaram sua composição em 17 integrantes com muito pouca variação.

Considerações finais

Como podemos constatar são as lembranças individuais que dão sustentação a memória coletiva quando vividas pelo grupo, guardadas e transmitidas pela interação de seus membros. Entretanto, as lembranças individuais, mesmo tendo uma base comum, podem ser equivocadas e fragmentadas, mas nas inter-relações elas podem ser substanciadas e corroboradas, ou desafiadas e corrigidas, diz Asmann (2011).

O que fizemos aqui foi um breve estudo de uma memória coletiva, atentos tanto ao conteúdo quanto aos processos de sua formação com o objetivo de auxiliar na sua conservação e transmissão. Verificou-se que a constituição da banda se deu em três etapas: a primeira, seu embrião, o quarteto que persistiu no período de 2004 a 2009, o segundo período com a contratação do professor e da entrada de novos membros de 2009 a 2013 e o terceiro com sua formação completa, com camiseta e nome próprios marcando sua identidade. Há um reconhecimento pelo grupo quanto ao processo de sua constituição, mas para considerar banda, como tal, a referência passa a ser a contratação do professor.

Referências

- ASSMANN, A. Memory, individual and collective. In: GOODIN, R. E.; TILLY, C. (ed.). **The oxford handbook of contextual political analysis**. New York: Oxford, 2011 (volume 5). Tradução/versão de Tanira Rodrigues Soares – Doutoranda do PPGMSBC – Unilasalle – Canoas (RS). p. 210-224.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- BOSI, E. A pesquisa em memória social. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 277-284, 1993. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167851771993000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 out. 2020.
- HALBWACHS. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003. 224 p.
- JEDLOWSKI, P. **Memórias**. Temas e problemas da sociologia da memória no século XX. Pro-posições. v. 14, n. 1 (40). jan./abr. 2003. Disponível em:
<<https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2187/40-traducao-jkedlowskip.pdf>>. Acesso em: 19 de out. de 2020.
- MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Apresentação de Luiz Felipe Baêta Neves; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. 232 p.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François (et al.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. 536 p.

